

Viagens a Goyaz¹ do Século XIX: O olhar de Pohl sobre as cidades

Travels to Goyaz in the 19th century: Pohl's view on the cities

Rodrigo Ferreira²

Muitos de nós, que temos medo da cidade com suas ruas entulhadas de veículos e gente, já tivemos vontade de fugir dela. Mas na fuga desesperada do “monstro urbano”, acabamos deixando para trás nossas raízes e cultura, estas mesmas que podem nos ensinar como vencer as ruas e fazer brotar do asfalto girassóis, flores que não têm medo de encarar de frente os raios de sol. (MENEZES, Marcos. 2022, p. 126).

RESUMO: Este trabalho resulta de uma pesquisa sobre o espaço urbano da Capitania de Goyaz no século XIX, com base na obra *Viagem no Interior do Brasil* de Johann Emanuel Pohl (1782-1834), médico, mineralogista e botânico austríaco. Pohl esteve no Brasil entre 1817 e 1821, chefiando uma missão que percorreu as capitanias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goyaz. Sua vinda foi possível graças ao casamento de Pedro I com Leopoldina da Áustria, ampliando as relações diplomáticas e permitindo incursões científicas de naturalistas austríacos no Brasil. Este artigo tem como objetivos: a) Analisar três dos 32 arraiais visitados por Pohl em Goyaz; b) Examinar as atividades econômicas da capitania a partir da estrutura e arquitetura das cidades; c) Estudar dados populacionais e o cotidiano de Goyaz; d) Comparar a situação dessas cidades no século XIX com suas condições no século XXI, analisando população, infraestrutura e qualidade de vida. A pesquisa adota uma abordagem descritiva, centrada no meio urbano de Goyaz na primeira metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Goyaz; Viajantes Naturalistas; Espaço Urbano do Século XIX; Arquitetura.

ABSTRACT: This paper is based on research about the urban space of the Capitania of Goyaz in the 19th century, drawing from Johann Emanuel Pohl's *Viagem no Interior do Brasil* (1782-1834), an Austrian physician, mineralogist, and botanist. Pohl visited Brazil between 1817 and 1821, leading a mission that traveled through the captaincies of Rio de Janeiro, Minas Gerais, and Goyaz. His visit was

¹ Neste trabalho utilizamos a grafia para Goiás como a usada à época da edição da obra *Viagem no Interior do Brasil* de Pohl, Goyaz.

² Graduando em História pela Universidade Federal de Jataí (UFJ), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

made possible by the marriage of Pedro I to Leopoldina of Austria, which strengthened diplomatic ties and allowed Austrian naturalists to conduct scientific expeditions in Brazil. The objectives of this article are: a) To analyze three of the 32 settlements visited by Pohl in Goyaz; b) To examine the economic activities of the capitania through the cities' structure and architecture; c) To study the population and daily life in Goyaz; d) To compare the condition of these cities in the 19th century with their situation in the 21st century, focusing on population, infrastructure, and quality of life. The research adopts a descriptive approach, centered on the urban environment of Goyaz in the first half of the 19th century.

KEYWORDS: Goyaz; Naturalist Travelers; 19th Century Urban Space; Architecture.

1. Introdução

A obra em análise neste trabalho, *Viagem no Interior do Brasil*, de J. Emanuel Pohl (1782–1834), foi traduzida por Milton e Eugênio Amado e faz parte da coleção "Reconquista do Brasil" (GUIMARÃES, 1976 – USP). Baseada no diário de Pohl durante sua estadia no Brasil entre 1817 e 1821, a obra possui grande importância histórica por suas ricas informações sobre a formação econômica do Brasil no fim do ciclo do ouro. Embora o foco deste estudo seja a Capitania de Goyaz, atual estado de Goiás, Pohl iniciou sua viagem no Rio de Janeiro, passando por Minas Gerais até chegar em Goyaz. Sua primeira parada foi no Registro de São Marcos, às margens goianas do rio que separava as capitanias de Minas e Goyaz, onde deu início à sua expedição rumo ao interior da capitania.

No total, Pohl visitou 32 arraiais em Goyaz, dos quais este artigo aborda Meia Ponte, a capital Vila Boa, e o Arraial de Nossa Senhora da Natividade. Pohl registrou a estrutura e a arquitetura de cada arraial, além de coletar dados sobre a população e suas atividades econômicas. Com base nesses dados, serão apresentados gráficos sobre a população, facilitando a compreensão e clareza das informações para o leitor.

A principal ênfase deste trabalho é o meio urbano de Goyaz, no entanto, as dimensões populacionais das comunidades no século XIX eram muito menores em comparação com as atuais. Em Goyaz, as maiores cidades tinham cerca de 3 mil habitantes, enquanto a capital, Vila Boa, contava com pouco mais de 9 mil, incluindo os assentamentos adjacentes, conforme os dados levantados por Pohl, com base no censo de 1804. Atualmente, de acordo com a legislação brasileira, para a criação de novos municípios, as regiões Norte e Centro-Oeste exigem uma população mínima de 6 mil habitantes, enquanto no Nordeste, Sul e Sudeste, o número varia entre 12 e 20 mil habitantes.

2. Viajantes Naturalistas e a Província de Goyaz

Johann Emanuel Pohl foi um dos naturalistas que visitaram o Brasil no século XIX, com a mineralogia como sua principal área de interesse. Fascinado pelas formações metamórficas da Terra, Pohl foi atraído pela rica diversidade mineral encontrada no solo brasileiro. Além de geólogo e mineralogista, ele também era médico e botânico.

Nascido na Áustria em 1782 e falecido em 1834, Pohl viveu na região da Boêmia e tornou-se professor de botânica na Universidade de Praga. Durante sua vida, atuou como conservador no Gabinete Imperial de História Natural e no Museu Imperial do Brasil, em Viena. Ele integrou a Missão Austríaca ao Brasil entre 1817 e 1822, inicialmente responsável pela mineralogia e depois pela botânica. Pohl decidiu se desligar da expedição oficial e embarcou em uma viagem pelo interior do Brasil, atravessando o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goyaz. Um dos principais frutos dessa jornada foi a publicação de *Viagem no Interior do Brasil*, por ordem do imperador austríaco Francisco I.

Entre os eruditos viajantes que visitaram o Brasil no primeiro quartel do século XIX, destaca-se Johan Emanuel Pohl, médico, mineralogista e botânico, que aqui esteve entre 1817 e 1821. Seu diário de viagem, que ora se edita, é uma das mais valiosas fontes de consulta para o estudioso da história econômica e social brasileira, especialmente no que se refere à fase que imediatamente antecedeu a nossa independência. (Amado, 1976.)

2.1. A formação do espaço urbano de Goyaz no Século XIX

Primeiramente, ao tratar do espaço urbano, podemos entendê-lo como um espaço social, onde os seres humanos coexistem e convivem em comunidade. Esse tipo de espaço requer certos elementos essenciais, que desempenham funções sociais específicas de acordo com as necessidades do grupo. Historicamente, a fixação de comunidades sedentárias esteve intimamente ligada à disponibilidade de recursos naturais, como água potável e terra fértil para a agricultura. Como afirma Rolnik (1988), "Fruto da imaginação e trabalho de diversos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza" (p. X).

Em Goyaz, a formação dos arraiais esteve diretamente relacionada à descoberta de ouro. A "corrida do ouro", que teve início na segunda metade do século XVII, desencadeou a organização de bandeiras – expedições lideradas por bandeirantes a mando da Coroa – com o objetivo de explorar o interior do Brasil em busca de ouro. Essas comunidades auríferas se estabeleceram nas capitanias mais distantes do litoral. No entanto, o custo desse "desenvolvimento" foi enorme, envolvendo o genocídio dos povos indígenas que já habitavam a região e o uso de mão de obra escravizada, trazida da África através do tráfico transatlântico. Esses "arraiais de sangue" foram erguidos sobre estruturas de escravidão e invasão de terras indígenas, um legado profundamente marcado nas estruturas

sociais do Brasil. Como destaca Luís Palacin (1927–1998) em sua obra *O Século do Ouro em Goiás*:

Goiás entra na história como as Minas dos Goyazes. Segundo a divisão do trabalho no império português, este é o título de existência e de identidade de Goiás durante quase um século. Os primeiros anos são de uma atividade febril. Pouco depois de seu retomo, Bueno funda solenemente o primeiro arraial, o arraial de Sant'Anna. (Palacin, 1994, p. 27).

3. Os Caminhos de Pohl em Goyaz.

Pohl chegou ao arraial de Meia Ponte em 10 de janeiro de 1818 e partiu em 14 de janeiro. Ele descreve Meia Ponte como o segundo arraial mais populoso da capitania, atrás apenas da capital, Vila Boa. A região foi explorada e fundada por Manuel Roiz Thomás, um dos pioneiros paulistas que chegaram ali por volta de 1731.

Em Vila Boa, capital da capitania de Goyaz, Pohl chegou em 23 de janeiro de 1819. Ele relata que a cidade foi elevada à capital em 1819 pelo rei D. João VI e recebeu o nome de Goiás. Segundo Pohl, o arraial está situado em um vale cercado por montanhas, atravessado pelo Rio Vermelho. Até sua visita, em 1819, o governador de Goiás era Fernando Freire de Castilho.

Já no arraial de Nossa Senhora da Natividade, Pohl chegou em 4 de setembro de 1819. Ele descreve o arraial como estando em uma colina e sendo fundado em 1734 por Manuel Ferraz de Araújo. Era o terceiro maior arraial da capitania, depois de Meia Ponte e Vila Boa.

3.1. Estrutura e arquitetura dos arraiais de Meia Ponte, Vila Boa e Natividade.

Na primeira metade do século XIX, quando Johann Emanuel Pohl visitou a Capitania de Goyaz, a "febre do ouro" já estava em declínio. Os arraiais, antes vibrantes centros de mineração, começavam a mostrar sinais de abandono. Além disso, a disponibilidade de mão de obra escravizada estava diminuindo, em parte devido às sanções internacionais, especialmente da Inglaterra, contra o tráfico transatlântico de escravos.

A escassez de trabalhadores escravizados afetou negativamente a economia local, uma vez que a Capitania de Goyaz não possuía recursos suficientes para competir com outras regiões mais prósperas do Brasil na aquisição de mão de obra. Pohl observou que muitos colonizadores que se estabeleceram em Goyaz não estavam acostumados ao trabalho manual, o que agravava a situação. Acostumados a serem servidos, esses colonizadores enfrentavam dificuldades em adaptar-se à necessidade de trabalhar por conta própria, especialmente à medida que a mão de obra escravizada se tornava mais cara e escassa.

A diminuição das reservas de ouro também contribuiu para a decadência da região. Desde sua fundação, o ouro havia sido a principal fonte de crescimento de Goyaz. Com o esgotamento das minas e a redução da atividade mineradora, a economia local sofreu, levando ao abandono de

estruturas urbanas e à diminuição da população em alguns arraiais.

O mal mais profundo da decadência, e que está na raiz de todos os outros, é o desprezo pelo trabalho, o gosto da ociosidade. Não se pode dizer que fosse uma doença privativa de Goiás, ou causada pela decadência da mineração; é um mal constitutivo da colonização do Brasil, alimentado pela instituição da escravatura. Mas nas minas, a decadência, se não criou, pôs em evidencia todo seu poder dissolvente. Todas as análises da decadência em Minas assinalam o desprezo pelo trabalho como a principal causa. Talvez a Câmara de Mariana se enganasse ao julgar que da primeira época não tinham trabalho “em desprezo, nem de condição imprópria do homem”, mas certamente não errava ao atribuir a essa atitude a ruína da capitania (Palacin, 1994, p. 150).

Assim era Meia Ponte nas descrições de Pohl:

A cidade fica entre serras derivadas dos Montes Pirineus e duas colinas banhadas pelo Rio das Almas, que deságua, bem abaixo no Rio Maranhão. A sua maior parte ocupa uma colina cujo sopé fica, numa praça aberta e quadrada, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, exteriormente insignificante, porém espaçosa. A parte menor, que fica na colina oriental e termina na Igreja de Nossa Senhora do Bonfim [...]. Existem ainda no lugar várias igrejas, todas diminutas e um hospício dos Franciscanos do Santo Sepulcro de Jerusalém, habitado por um frade [...] Das três ruas principais, uma é calçada. As casas são térreas, construídas de madeira e barro, caiadas e cobertas de telhas. Não se encontram aqui vidraças nas janelas, que, mesmo na igreja, são substituídas por pano de linho esticado. A cadeia é o único edifício assobradado. (Pohl, 1976, p. 116).

Vila Boa, conforme as descrições de Pohl, possuía ruas mal calçadas, mas bem alinhadas. Havia duas praças, sendo que a maior delas não tinha calçamento e estava coberta de ervas daninhas. Esta praça localizava-se próxima à Casa do Senado. Nas suas proximidades, encontravam-se uma cadeia pública, o quartel, um hospital, além de casas comuns. No centro da praça, havia um chafariz de pedra. Pohl observou que, naquele momento, a cidade contava com cerca de 700 casas, a maioria delas feitas de madeira e barro.

Como capital da capitania, Vila Boa abrigava a Fazenda Real (correspondente à Secretaria do Tesouro Nacional) e uma Intendência do Ouro, órgão responsável por controlar a exploração do ouro, cobrar impostos sobre a mineração e julgar crimes em nome da Coroa Portuguesa. Além disso, a cidade contava com oito igrejas. Uma curiosidade mencionada por Pohl foi a técnica improvisada usada pelos moradores para construir os forros dos tetos, utilizando panos de algodão esticados sob o aposento. As paredes das casas eram caiadas, pintadas com cal branca.

Em Nossa Senhora da Natividade, segundo Pohl, havia cerca de 300 casas, todas térreas e construídas com tijolos crus, feitos de uma mistura de barro, água, fibras naturais e palha, secos ao sol, o que os tornava vulneráveis a fortes chuvas. As casas eram cobertas com telhas e organizadas em ruas largas, cujas calçadas eram feitas de xisto quartzífero. A igreja matriz da cidade, dedicada a

Nossa Senhora da Natividade, havia sido erguida apenas oito anos antes da chegada de Pohl, mas já estava totalmente fora de uso.

Desde que diminuiu a produção do ouro, os habitantes quase reduzidos à indigência, levam uma vida miserável. Conforme já disse, concorreu essencialmente para o seu empobrecimento a diminuição dos escravos necessários para o trabalho. (Pohl, 1976, p. 271).

3.2. Economia

Apesar de não ser o principal interesse de Pohl em sua expedição, seu diário traz muitos dados sobre a economia dos arraiais por onde ele passou, no Arraial de Meia Ponte por exemplo Pohl destaca:

Os habitantes viviam outrora de suas rendosas lavras de ouro, agora têm a fama de experimentados cultivadores de milho, mandioca, fumo, cana-de-açúcar, café e algodão (de que aqui também fazem chapéus). Plantam também trigo, que produz bem. Além disso fazem considerável comércio, favorecido pela situação da cidade no ponto de junção das estradas que conduzem a Goiás, Mato Grosso, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Achei as mercadorias aqui muito mais caras do que na longínqua Goiás e a estalagem, no extremo da cidade, tão mal aparelhada que tive de tomar emprestadas, do vigário do local, mesa e cadeiras para poder receber as visitas distintas. (Pohl, 1976, p. 117).

Já a capital da capitania, Vila Boa, segundo Pohl, a população vivia do comércio, não era muito comum os ofícios manuais, alguns se dedicavam à lavoura, e já era raro aqueles que viviam da mineração do ouro, os principais produtos de Vila Boa era o sal, ferro, gêneros de mercearia, remédios, azeite, e também, vinho, porém, este era raro.

Grande parte da população vive do comércio; poucos, de ofícios manuais. Alguns praticam a lavoura e raros a mineração do ouro. Relativamente à posição que ocupam, esta é bem inferior à dos seus congêneres negociantes ou artífices locais na Europa, em qualquer sentido. Os chamados negociantes apenas se podem comparar aos nossos merceeiros. Vendem as suas más mercadorias, como sal, ferro, gêneros de mercearia, remédios, azeite, (raramente também vinho) [...]. (Pohl, 1976, p. 142).

Em Natividade, segundo Pohl, as atividades econômicas se concentravam no cultivo de cana-de-açúcar, que era usada para a produção de cachaça, um dos principais produtos comercializados. Além disso, a população também cultivava milho, algodão, mandioca e fumo, e criava gado. Contudo, Pohl observou que o comércio era praticamente insignificante. Ele escreveu: "Essa população vive do comércio da cana-de-açúcar, da aguardente que dela se extrai, das plantações de algodão, milho, mandioca, legumes e um pouco de fumo" (POHL, 1976, p. 272).

A partir da análise da narrativa de Pohl em sua passagem pelos arraiais de Goyaz, pode-se perceber que, após o declínio da "febre do ouro", essas comunidades tiveram que adaptar o uso da terra para a produção de bens agrícolas e outros produtos secundários, como uma alternativa para garantir sua subsistência. Esses dados são valiosos para pesquisadores que estudam a formação econômica dos estados brasileiros. No entanto, o desenvolvimento da agricultura em Goiás não ocorreu de forma natural, já que a capitania foi fundada com foco na mineração. As populações que ali permaneceram, interessadas principalmente na extração de ouro, não tinham forte ligação com a agricultura.

O desenvolvimento da agricultura em Goiás tropeçava em dois graves obstáculos: um, com o fundamento na psicologia social, era o desprezo dos mineiros pelo trabalho agrícola, e o outro, a legislação fiscal. (Palacin, 1994, p. 141).

Pohl também discorre sobre a inaptidão daqueles que vieram explorar as terras de Goiás, ele narra sua decadência, e a falta de capacidade que tinham para trabalhos manuais, todo o serviço de exploração nas minas ficava a cargo dos escravizados, sem eles os arraiais definhavam, e suas estruturas ficavam cada vez mais decadentes, esses, no entanto, não eram tratados como seres humanos. Pohl descrevia a paisagem mórbida e o sentimento de abandono que aqueles locais traziam, em uma passagem em que ele descreve o arraial de Natividade, ele afirma:

Todo o lugar revela vestígios da extinta opulência dos habitantes que, contudo, hoje se encontram em total decadência. A Igreja de Santana está quase em ruínas. [...] A única riqueza que deu renome a este arraial proveio naturalmente da extração do ouro, que era tirado da terra argilosa de aluvião dos riachos. Atualmente, também neste local se queixam de que, como em toda parte, diminuiu a produção do ouro, e isso é natural, pois aqui atuaram negativamente as mesmas causas que levaram à decadência tantos outros estabelecimentos semelhantes. Faltam aqui notadamente a mão-de-obra servil, pois os escravos morreram em sua maioria e não puderam ser substituídos; ademais, o terreno aluvial, formado durante séculos, já se acha escavado em todas as direções. (Pohl, 1976, p. 270).

Neste trecho Pohl deixa em evidência a exploração compulsória dos escravizados, o trabalho intensivo, e seu excesso, além da má alimentação, e os fatores psicológicos, colocavam a expectativa de vida destes a um nível muito abaixo até dos padrões da época. Palacin no capítulo 5 de sua obra evidencia esse tratamento desumano nos arraiais da capitania de Goyaz e Minas Gerais:

Aos outros males da escravidão, aqui vinha somar-se a dureza do trabalho, inexoravelmente exigido até à morte. Com pés metidos na água fria, durante horas e horas, dobrados sobre a cintura enquanto o Sol caía implacável sobre suas costas, [...] Daí se erguiam as gripes, pneumonias, pleurites, desvios da

espinha, e outras enfermidades próprias do garimpo. Quando o trabalho era nos túneis abertos na montanha, além dos desmoronamentos, tão frequentes em obras feitas às pressas sem nenhum cálculo técnico, que endividavam os mineiros pela mortandade dos escravos, a falta de ventilação acelerava os processos de envenenamento e a petrificação dos pulmões em virtude da silicose. (Palacin, 1994, p. 86).

Mais adiante no mesmo capítulo, ao tratar do dia a dia dos escravizados na mineração, e sua expectativa de vida ele acrescenta:

Exigido até o limite de suas forças, mal alimentado, pois os gêneros alimentícios nas minas eram muito caros, corroídos de doenças, sem tempo nem meios para curar-se, o escravo tinha a certeza de uma vida muito breve: dez anos em média, segundo os camaristas da vila do Ribeirão do Carmo e doze conforme os cálculos de Martinho de Mendonça, após longas pesquisas em Minas Gerais em 1734. (Palacin, 1994, p. 87).

Tanto Pohl, quanto Palacin, evidenciam o tratamento desumano dos escravizados na capitania, além disso, o fator da escassez da mão de obra escravizada e principalmente o desprezo do trabalho pelo colonizador, pode explicar a decadência desses arraiais já na primeira metade do século XIX.

3.3. População

Pohl vai usar o recenseamento de 1812, para levantar o número total de habitantes dentro dos arraiais que visitou, porém, ele chega no processo de decadência da capitania de Goyaz, devido à queda da mineração, porém tal escassez iria ser superada em um processo lento, mas, que traria resultados, crescimento impulsionado principalmente pela produção agropastoril, e então, a capitania iria registrar sinais de crescimento de pessoal interessado nessa nova dinâmica econômica de Goyaz.

Entre 1783 e 1804, a diminuição da população foi por ordem dos vinte por cento. Confirmam-se, desta forma, as impressões recolhidas por Pohl e Saint-Hilaire sobre o abandono da capitania por parte de grandes massas da população, sobretudo branca, ao acentuar-se a decadência da mineração [...]. Embora muito lentamente, inicia-se outra vez a recuperação e depois o franco crescimento. As cifras indicadas pelo Patriota para 1808 marcam um aumento de 228 habitantes [...]. Estas cifras não mais que aproximações grosseiras – sugerem que, no tocante à população, a crise da mineração já começava a ser superada. Sem o fascínio do ouro, certamente, a nova expansão das atividades agropastoris oferecia às populações a suficiente segurança para favorecer seu crescimento interno e atrair ainda a imigração exterior. (Palacin, 1994, p. 78).

De acordo com os dados levantados por Pohl, a partir do recenseamento de 1812, sobre a população de Meia Ponte, ele acrescenta:

Entre os habitantes de Meia Ponte há muitos brancos, mas a maioria é de nativos ou crioulos de raça mestiça e mulatos pobres. A população da cidade e seu distrito, segundo a lista oficial do ano de 1812, era de 6.209 almas. (Pohl, 1976, p. 116-117).

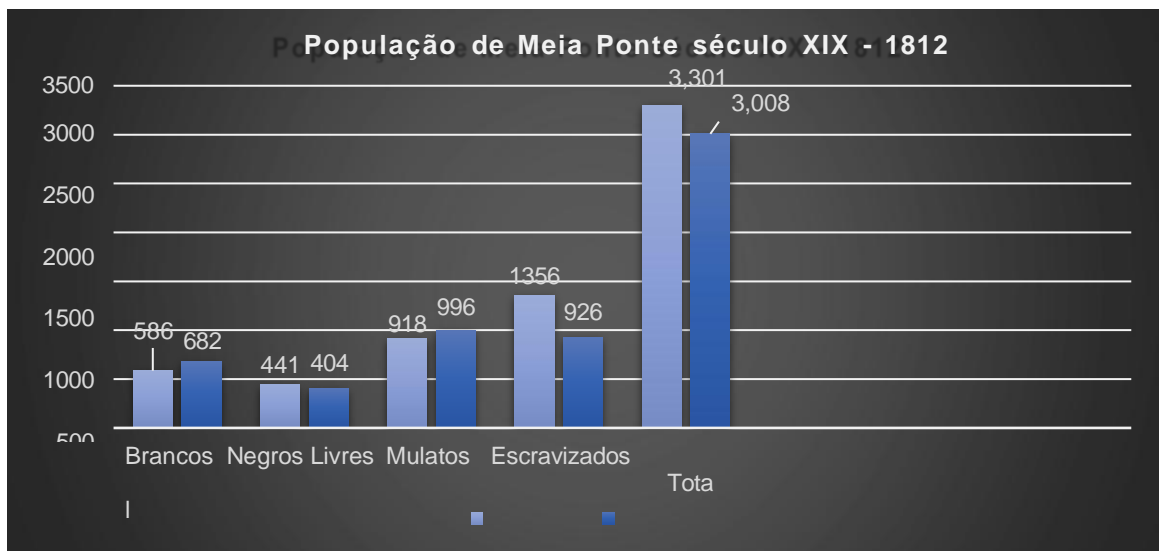


Gráfico 01 - População de Meia Ponte – Século XIX, 1812.

Fonte: dados levantados por Pohl, a partir do recenseamento de 1812, (POHL, 1976, p. 117).

A partir das impressões de Pohl, assim era a população de Vila Boa:

Conforme já dissemos, nesta cidade são administrados os negócios do Governo. Por isso, grande parte da população é constituída de servidores públicos. Os Habitantes, incluindo os moradores dos arredores compreendidos na jurisdição de Goiás, somam 9.424 almas, * sendo os mulatos maioria. Os brancos, que diminuem de ano para ano, são de constituição franzina; os mulatos e negros são, ao contrário, robustos e sadios [...] Os brancos são na maioria de origem portuguesa, em parte fugitivos e aventureiros e, no entanto, formam a primeira classe, o que se deve apenas à cor. Na maior parte são intoleravelmente altivos e soberbos, crentes dessa sua superioridade em relação às outras raças. Poucos melhoram o caráter, antes exibem a vulgaridade de sua existência anterior. [...] O próprio soldado raso, tendo de levar uma carta da Fazenda Real ao Palácio do Governo, a apenas duzentos passos de distância, não a leva ele próprio. Manda-a por um negro escravo e a toma à soleira do edifício. (Pohl, 1976, p. 141).

Pelas impressões de Pohl, observa-se que, por ser a capital da Capitania, Vila Boa concentrava grande parte de sua população em atividades administrativas, com muitos cargos da hierarquia pública presentes na cidade. Além disso, seu relato destaca a profunda soberba da elite branca em relação aos outros habitantes da capital, bem como a exploração compulsória da mão de obra escravizada.

Pohl também enfatiza a incapacidade dessa elite em realizar as mais simples tarefas sem depender do trabalho escravo, fato que contribuiu para a decadência da cidade e de toda a Capitania.

A escassez dessa mão de obra, resultado de sanções internacionais e mudanças econômicas, expôs a fragilidade de um sistema social e econômico alicerçado na escravidão.

A cultura da servidão, enraizada desde o período colonial, foi se consolidando na sociedade brasileira. Seus reflexos ainda podem ser percebidos atualmente, sendo o Brasil o país com o maior número de empregados domésticos do mundo, aproximadamente 7,2 milhões, de acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho.

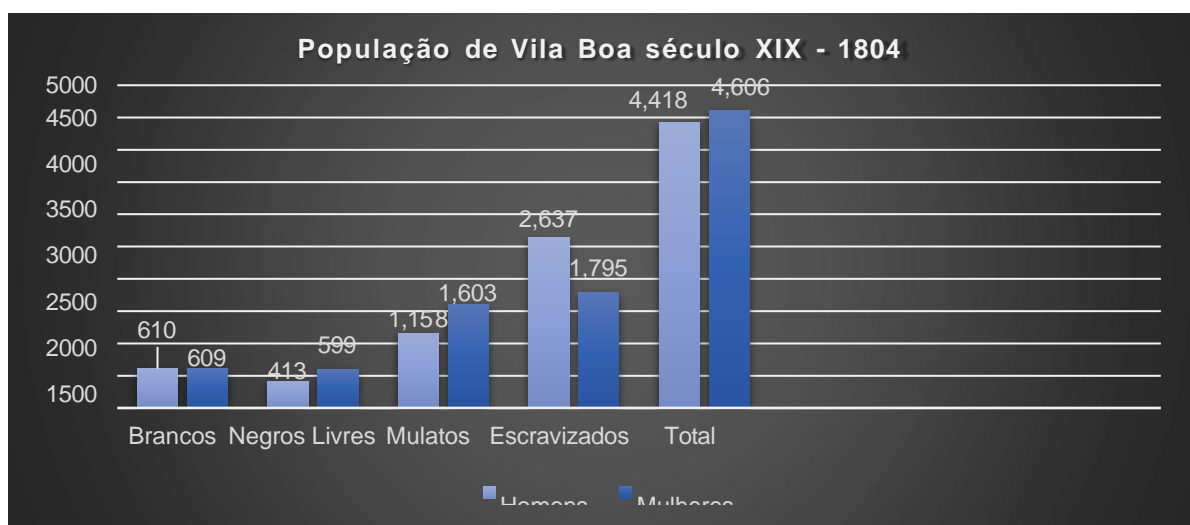


Gráfico 02: População de Vila Boa – Século XIX, 1812

Fonte: dados levantados por Pohl, a partir do recenseamento de 1804, (POHL, 1976, p. 141).

O arraial de Natividade sofria do mesmo mal que muitos outros, após a decadência das minas de ouro, e com a diminuição da mão de obra escravizada, a população diminuía gradualmente, em seu relato de viagem Pohl evidencia esse fenômeno.

Desde que diminuiu a produção do ouro, os habitantes quase reduzidos à indigência, levam uma vida miserável. Conforme já disse, ocorreu essencialmente para o seu empobrecimento a diminuição dos escravos necessários para o trabalho. Agora, os negros e mulatos formam a maioria da população e é visível a progressiva diminuição dos brancos (Pohl, 1976, p. 271).

Natividade sofria da perda gradual dos seus habitantes brancos, isso se deu devido a falta do ouro, porém, esse esvaziamento pode ser notado também devido à falta de mão de obra escravizada, que era adquirida a partir da economia aurífera, e sem esta mão de obra, o colonizador era incapaz de “levantar uma palha”, entrava em estado de vegetação quase literal, não plantava seu próprio alimento, nem se quer organizava sua casa, para eles era desonroso trabalhar, não se desapegava da soberba, e se gabava do sangue europeu, que para ele, era muito superior a todos os outros.

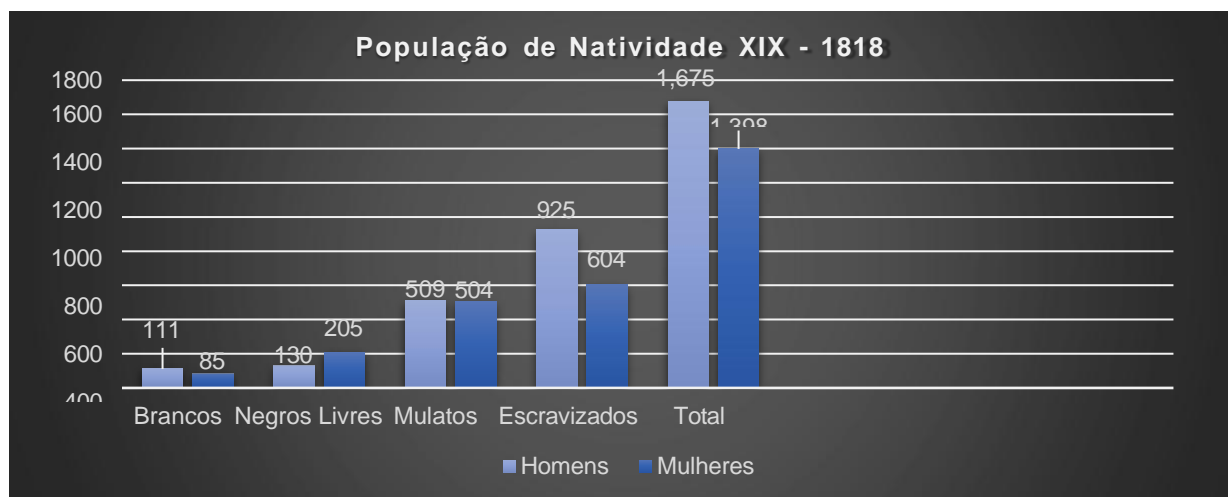


Gráfico 03 - Natividade – Século XIX, 1818

Fonte: dados levantados por Pohl, a partir do recenseamento de 1818, (POHL, 1976, p. 271).

4. Século XXI: Meia Ponte, Vila Boa e Natividade

Como um dos principais objetivos deste trabalho é analisar a atual situação das cidades de Goiás que aparecem nas narrativas de Pohl e avaliar como essas cidades podem contribuir para a compreensão das transformações do espaço urbano da região, informações sobre infraestrutura, número de habitantes e qualidade de vida dos moradores serão levantadas. Essa comparação serve como parâmetro para medir o desenvolvimento desses espaços e enriquecer a pesquisa, além de levantar questões para aqueles interessados no desenvolvimento urbano de Goiás.

De acordo com dados do site da prefeitura de Pirenópolis, Meia Ponte passou a se chamar Pirenópolis por meio do Decreto Estadual nº 18, de 27 de fevereiro de 1890. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, Pirenópolis tem uma área territorial estimada em pouco mais de 2 mil km² e uma população de aproximadamente 25.218 habitantes. Sua densidade demográfica era de 10,43 hab./km² (censo de 2010), e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) foi de 0,693 em 2010, considerado médio-alto em uma escala que vai até 1. O Produto Interno Bruto (PIB) per capita foi de R\$ 20.791,99, de acordo com o censo de 2019.

Comparando esses dados com o recenseamento de 1812 realizado por Pohl, pode-se observar um crescimento de cerca de 19 mil habitantes. Além disso, o IDHM atual indica uma melhora significativa na qualidade de vida em relação à época da visita de Pohl, quando a população de Meia Ponte relatava insatisfação com as condições de vida. Embora o número de habitantes tenha aumentado de forma relativamente lenta ao longo de quase dois séculos, o progresso em termos de bem-estar é evidente.

Já Vila Boa, que após a chegada de Pohl foi renomeada como Cidade de Goiás e se tornou a capital da província, tinha, de acordo com o censo de 2010, cerca de 24.727 habitantes, com uma população estimada em 22.122 pessoas em 2021. Sua densidade demográfica era de 7 hab./km²

(censo de 2010) e o PIB per capita foi de R\$ 23.410,91 (censo de 2019). A cidade possuía 49,3% dos domicílios com esgotamento sanitário adequado, 58% das áreas urbanas arborizadas e 6,9% das vias públicas urbanas com urbanização adequada. Seu IDHM de 0,709 (censo de 2010) também é considerado alto, o que reflete uma melhora substancial na qualidade de vida desde o século XIX.

A Cidade de Goiás, além de ser a mais antiga do estado, foi reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 14 de dezembro de 2001. A cidade é conhecida por sua rica herança cultural e histórica, sendo o berço de Cora Coralina, importante poetisa brasileira que descreveu em suas obras as vivências da população local, incluindo descendentes de africanos trazidos à região durante o período colonial. A cidade conserva características coloniais em sua arquitetura e é um dos destinos turísticos mais importantes do Centro-Oeste, com eventos culturais como o Carnaval e o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), além de atrações naturais como o Parque Estadual Serra Dourada e o Caminho de Cora Coralina.

Desde 1804, a população da Cidade de Goiás cresceu cerca de 12 mil habitantes, um aumento relativamente pequeno em mais de dois séculos. Contudo, a qualidade de vida melhorou significativamente, como evidenciado pelo IDHM de 0,709 em 2010.

Por fim, Natividade, atualmente no estado do Tocantins, separado de Goiás em 1988, é um importante símbolo do patrimônio histórico do estado. Segundo o IBGE, em 2021, a cidade tinha uma população estimada em pouco mais de 9 mil pessoas, com uma área territorial de mais de 3 mil km² e uma densidade demográfica de 2,78 hab./km² (censo de 2010). O IDHM de 0,673 (censo de 2010) é considerado médio, e o PIB per capita era de quase R\$ 20 mil (censo de 2020). A cidade apresenta 36,1% dos domicílios com esgotamento sanitário adequado, 93,1% das vias públicas urbanas arborizadas e apenas 0,4% com urbanização adequada. Sua área urbana é muito pequena, cerca de 3,54 km² (censo de 2019).

Natividade, com seu patrimônio arquitetônico e cultural preservado, foi reconhecida como uma das sete maravilhas do patrimônio arquitetônico tombado do Brasil. Um dos principais cartões-postais da cidade é a ruína da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída por escravizados no século XVIII. Desde o recenseamento de 1818 até 2021, Natividade apresentou um crescimento populacional modesto, de apenas 3 mil habitantes. No entanto, a qualidade de vida dos seus habitantes melhorou consideravelmente, em contraste com as condições descritas por Pohl em suas viagens.

5. Considerações Finais

Com a decadência da produção aurífera em Goyaz, os arraiais passaram por sérias dificuldades de abastecimento de alimentos e comércio, causado em parte, pela dificuldade logística da região, e a emigração de seus habitantes, que buscavam melhores condições de vida em outras províncias.

Como consequência da dificuldade de transportes, da falta de produção agrícola e da diminuição do ouro, o comércio exterior da capitania tinha decaído muito, e a cada dia caía mais a níveis baixíssimos (Palacin, 1994, p. 145).

O comércio do ouro era a principal atividade da província, porém, com sua escassez, o governador geral não tinha condições de arcar com as manutenções do transporte, além disso, a falta de mão de obra, dificultava a construção de novas, e a manutenção das já existentes vias de escoamento dos gêneros agrícolas produzidos nos arraiais de Goyaz. Sem essa rede de escoamento a província se sufocava internamente, sem o comércio não havia recursos econômicos para suas políticas internas de infraestrutura e serviços, além, da exportação de matérias primas de subsistência básica de sua população.

[...] Goiás, necessitava de importar sal, ferro, pólvora, e tecidos, produtos indispensáveis. Ainda extraía algum ouro para realizar os pagamentos, e embora em pequena quantidade, começava produzir alguns produtos agrícolas que, exportados, ajudavam o equilíbrio da balança de pagamento: algodão, açúcar, marmelada, couros; também iam aparecendo algumas grandes fazendas de gado, que enviavam suas reses à Bahia ou a Minas através de Paracatu (Palacin, 1994, p. 145).

A província deixava lentamente o status de Minas de Goyazes, e passava pela transição para uma economia de base agropastoril, porém, o câmbio mais comum entre as províncias era feito em ouro, e os produtos agrícolas tinham um peso menor, o que deixava uma balança comercial pouco favorável, o que iria ser superado adiante com uma produção em maior escala.

A decadência de Goyaz, de certa forma, não se deu de maneira abrupta, na verdade foi pelo processo do auge da mineração aurífera até sua escassez e a busca por novas alternativas. Palacin, por outro lado, acredita que na verdade, o arraial não havia tido um passado tão grandioso, para ter uma queda tão grande, quanto a apresentada na maioria das narrativas sobre o auge aurífero de Goyaz.

De forma alguma podemos representar a decadência de Goiás como uma transição brusca de uma situação brilhante de prosperidade para uma ruína opaca. Pohl, que mal tolerava as contínuas lamúrias dos habitantes de Goiás sobre a tristeza de sua situação presente e os desmedidos exageros sobre a riqueza dos tempos idos, chega a assegurar que não acreditava nem na pintura da grandeza passada, nem no conceito de decadência; para ele, as diferenças, meramente quantitativas, não constituíam um marco diferenciativo (Palacin, 1994, p. 148).

É evidente que Goyaz foi fundado com interesse no ouro, a “febre do ouro” foi o motivo de sua inauguração, à esta conclusão, fica a cargo de mostrar o desfecho deste Goyaz de Minas, e como o recurso que levantou uma capitania, agora era o motivo de sua ruína, porém, Goyaz não deixou de

existir, e continuou crescendo, porém, como um lugar de população camponesa, que vivia de suas produções agropastoris, do qual, o produto final era amplamente usado em todo Brasil, daí a sua importância estratégica para o abastecimento do Brasil, e o motivo da massa de imigrantes interessados em se instalarem em Goyaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Comissão especial aprova novas regras para criação de municípios. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/534744-comissao-especial-aprova-novas-regras-para-criacao-de-municipios/>. Acesso em: 31 jun. 2023.

FUNDAÇÃO Casa Rui Barbosa. O prazer do percurso. Johan Baptist Emanuel Pohl. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/oprazerdopercurso/bio_pohl.htm#:~:text=Johann%20Baptist%20Emanuel%20Pohl&text=Foi%20um%20m%C3%A9dico%20ge%C3%B3logo%20e,disciplina%20na%20Universidade%20de%20Praga . Acesso em: 31 jun. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades GO Panorama. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go>. Acesso em: 08 set. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades GO Panorama. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/panorama>. Acesso em: 18 set. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades TO Panorama. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/natividade.html>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MENEZES, Marcos Antonio de. Charles Baudelaire: O crítico do progresso. Goiânia: Editora Cegraf UFG, 2022.

MUNICÍPIO DE GOIÁS. História. 2023. Disponível em: <https://goias.go.gov.br/historia/>. Acesso em: 19 set. 2022.

NATIVIDADE (TO). Prefeitura. 2023. Disponível em: <https://www.natividade.to.gov.br/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PALACÍN, Luís. O século do ouro em Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4. ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

PIRENÓPOLIS (GO). Prefeitura. História. 2017. Disponível em: <http://www.pirenopolis.com.br/historia>. Acesso em: 07 set. 2022.

POHL, Johann Emmanuel. Viagem no Interior do Brasil. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1976.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade? São Paulo: Brasiliense, 1988.

SINDOMÉSTICA. Sindicato das Empregadas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo: Brasil tem maior número de domésticas do mundo, diz OIT. São Paulo, 2014. Disponível em: [https://www.sindomestica.com.br/noticias_mostra.php?id=22#:~:text=O%20Brasil%20tem%20%2C2,Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Internacional%20do%20Trabalho%20\(OIT\)](https://www.sindomestica.com.br/noticias_mostra.php?id=22#:~:text=O%20Brasil%20tem%20%2C2,Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Internacional%20do%20Trabalho%20(OIT)). Acesso em: 01 ago. 2023.